

8.02.08 – Letras/Literaturas Estrangeiras Modernas

MRS. DALLOWAY EM FLUXO: FLUXO DE CONSCIÊNCIA NO CONTO, ROMANCE E FILME MRS. DALLOWAY.

Alessandro Felipe Silva Nascimento¹, José Carlos Felix²

1. Graduando em Letras/Língua Inglesa e Literaturas na UNEB DCH IV

2. Professor do Curso de Letras/Língua Inglesa e Literaturas na UNEB DCH IV / Orientador

Resumo:

O objetivo dessa pesquisa foi examinar como a escritora britânica Virginia Woolf explora o fluxo de consciência com vistas a mimetizar os processos cognitivos das personagens como um recurso narrativo altamente experimental no conto “Mrs. Dalloway in Bond Street” (1923) e no romance *Mrs. Dalloway* (1925), bem como as transformações deste no processo de transposição para o formato fílmico *Mrs. Dalloway* (1997).

Autorização legal: Esta pesquisa não necessitou de autorização legal.

Palavras-chave: Mrs. Dalloway; Fluxo de consciência; Adaptação cinematográfica.

Apoio financeiro: PICIN - UNEB.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Introdução:

O conto “Mrs. Dalloway in Bond Street” e o romance *Mrs. Dalloway* são obras da escritora, ensaísta e editora britânica Virginia Woolf, conhecida por ser inovadora na experimentação e desenvolvimento da técnica narrativa conhecida como fluxo de consciência. O romance é um desdobramento dos experimentos desenvolvidos no conto woolfiano, publicado em 1923 no periódico *The Dial*, sendo os enredos de ambos aparentemente banais em contraste como uma sintaxe altamente intrincada, descontínua – devido ao grau de experimentação do fluxo de consciência. A adaptação cinematográfica de 1997 foi dirigida pela diretora alemã Marleen Gorris e também busca mimetizar a técnica fluxo de consciência e, embora seja feita de maneira distinta, é realizada por meio de elementos narrativos do cinema que em conjunto atuam em função desta técnica narrativa.

Metodologia:

O método de trabalho desta pesquisa pautou-se em uma abordagem bibliográfica, cujo o corpus foi delimitado aos seguintes objetos: o conto “Mrs. Dalloway in Bond Street” (1923), o romance *Mrs. Dalloway* (1925), de Virginia Woolf, e a adaptação cinematográfica *Mrs. Dalloway* (1997), com direção de M. Gorris e roteiro de E. Atkins. O foco metodológico do projeto deu-se em três eixos: o primeiro centrou-se na análise estrutural do conto, a fim de explicitar como o conjunto de procedimentos narrativos utilizados por Woolf constrói uma narrativa descontínua, breve e sensorial, com base nos postulados de HUMPHREY (1962) e AUERBACH (1987). O segundo eixo examinou como os procedimentos constitutivos do fluxo de consciência são reconfigurados e ampliados no romance pela escritora por meio de um processo de reescrita do conto. Neste eixo, utilizamos SHOWALTER (1992), VIEIRA (1996) e HUTCHEON (2006), para fundamentar as categorias conceituais de reescrita e (re)criação. O terceiro eixo analisou o processo de adaptação do fluxo de consciência do conto/romance para o formato cinematográfico, pautado na teoria de adaptação cinematográfica, MCFARLANE (1996).

Resultados e Discussão:

No conto, a conjunção de pontos de vista entre o narrador onisciente e a protagonista, atrelada a brevidade narrativa, a sensorialidade e a ruptura da linguagem, conferem um caráter mais experimental à estrutura narrativa. Esta conclusão é também favorecida pelo cotejo com o romance *Mrs. Dalloway* (1925), que, por sua vez, permite certa inteligibilidade devido à quantidade de informações concedidas pelas digressões. No romance, o fluxo de consciência produz uma expansão das digressões de pensamento da protagonista Clarissa e, dada a quantidade de detalhes presentes no enredo, favorece seu aspecto cinematográfico. Além disso, o romance também se caracteriza pela conjunção de pontos de vista de diversas personagens, pela prolixidade e sensorialidade, de modo que este conjunto de estratégias narrativas constitutivas do fluxo de consciência mimetize os processos mentais das personagens do romance. Por fim, a adaptação cinematográfica também se utiliza de um conjunto de dispositivos narrativos para emular o fluxo de consciência, a saber: flashbacks; montagem; elementos de transição; voice-over. Contudo, a adaptação cinematográfica produz uma narrativa linear e inteligível, opondo-se aos preceitos estéticos modernistas e aproximando-se da tradição romanesca do século XIX.

Conclusões:

O dispositivo narrativo fluxo de consciência não é homogêneo, com efeito, os seus constitutivos se modificam a depender do código em que ele é empregado, pois, como evidenciamos nesta pesquisa, em cada objeto configura-se por diferentes estratégias ou lógicas distintas de funcionamento. Ou seja, a construção deste dispositivo no conto e romance de Woolf e na adaptação cinematográfica é desenvolvida de maneira distinta, confluindo elementos narrativos no texto literário e fílmico que justapostos alteram tanto a forma quanto o modus operandi fluxo de consciência nos diferentes objetos, engendrando diferentes formas de mimetização dos processos cognitivos da mente humana.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, E. "A meia marrom". In: AUERBACH, E. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- HUMPHREY, R. **Stream of consciousness in the modern novel**. London: Cambridge University Press, 1962.
- HUTCHEON, L. A. **Theory of Adaptation**. London/New York: Routledge, 2006.
- MCFARLANE, B. **Novel to film an introduction to the theory of adaptation**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- SHOWALTER, E. Introduction. In: WOOLF, V. **Mrs. Dalloway**. Londres: Penguin, 1992.
- VIEIRA, E. R. P. "André Lefevere: a teoria das refrações e da tradução como reescrita". In: **Teorizando e contextualizando a tradução**. Belo Horizonte: Programa de pós-graduação em estudos linguísticos da FALE (UFMG), p. 105-163, 1996.
- WOOLF, V. **Mrs. Dalloway**. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- _____. **Mrs. Dalloway in Bond Street**. [s.l]: [s.n], 1923. Disponível em: <<https://goo.gl/fBKZh1>> Acesso em: 22. mar. 2017.